



3.25 • Integração regional e multilateralismo

BRICS: os três estádios

Rui Paiva

O BRIC APARECE REFERENCIADO pela primeira vez como uma concepção teórica assente num modelo com vocação e utilidade prática no mundo financeiro. Um patamar de análise como suporte a decisões a tomar quanto às aplicações financeiras pelos investidores institucionais. Embora não ignorando a heterogeneidade dos seus membros, surge numa percepção financeira e não de Relações Internacionais, convertido o modelo de análise no impacto dos comportamentos económicos dos vários países: Brasil, Rússia, Índia e China.

Podemos salientar três estádios para o BRIC(S)¹: primeiro, de concepção analítica para o espaço financeiro; segundo, de criação de um fórum destes mesmos países a partir de 2009; terceiro, a que vamos dar mais relevo, o momento presente, iniciado no ano passado, que será eventualmente o da confirmação da real afirmação.

O BRICS enquanto concepção teórica e analítica

Foi pela iniciativa de Jim O'Neill em 2001 que despontou o acrónimo BRIC, ao analisar para a Goldman Sachs, (enquanto *Chief Economist*), num trabalho da série *Global Economics, Paper n. 66*, sob o título *Building Better Global Economic BRIC's*, de 30 de Novembro de 2001), a relação entre as economias desenvolvidas de topo e as mais importantes economias de mercados emergentes, doutra forma o G7 e o BRICS.

Podemos destacar algumas das constatações que suportavam a análise, nessa altura inovadora: a) o PIB real das grandes economias emergentes ultrapassaria o do G7 entre 2001 e 2002; b) o PIB do BRICS em PPP (paridade de poder de compra), seria já em 2000 de 23,3% do PIB global (8% PIB corrente); c) das perspectivas adiantadas, ressaltava que os fóruns políticos globais deveriam ser reorganizados, em particular o G7 deveria incorporar representantes do BRICS.

Adiantava ainda que os quatro países mais populosos e com maior dinâmica de crescimento teriam um papel fundamental na economia global, o que veio a confirmar dez anos depois no seu livro *The Growth Map*², agora já como *Chairman* da *Goldman Sachs Asset-Management*. Afirma então que em dez anos a economia global duplicou em dimensão, provindo um terço da *performance* do BRICS, com um crescimento combinado de duas vezes o dos EUA ou, visto de outra forma, o equivalente à criação de um outro Japão.

Jim O'Neill conclui que vários factores aconselham a retirada de alguns países da categoria de emergentes, e cria o conceito de *growth markets* para o BRICS, assim como para quatro dos países dos *Next Eleven, N11*: Indonésia, Coreia do Sul³, México e Turquia. Os restantes países do N11 são o Bangladeche, Egito, Indonésia, Irão, Nigéria, Paquistão e Filipinas.

Mais recentemente, em Janeiro de 2015, ao constatar uma fraca taxa de crescimento do Brasil (cerca de 1%) e uma contracção da Rússia de 1,8%, Jim O'Neil informou, já mais descrente, numa entrevista à *Bloomberg*⁴, que se estes países não conseguirem reactivar as suas economias, o mais correcto será passar a considerar apenas dois, como IC: Índia e China.

O momento do nascimento do BRIC, o IBAS e o novo BRICS

Em 6 de Junho de 2003, pela “Declaração de Brasília”, três países (incluídos no estudo do BRICS) oriundos de continentes diferentes, Índia, Brasil e África do Sul, decidem criar um fórum, denominado IBSA⁵, *India-Brazil-South Africa Dialogue Forum*, a partir daí um painel de diálogo trilateral, associando três sociedades “pluralistas, multiculturais e multirraciais”.

Criou-se assim uma (relação) trilateral de nações com uma identidade política própria, agindo numa vocação sul-sul, três democracias de três continentes distintos que, entendendo-se neste diálogo tripartido privilegiado, não agradam necessariamente à China, porque alinham as suas práticas e posturas sem terem que se submeter de uma forma directa à vontade, validação ou liderança chinesa.



A China tenta deste modo anular o efeito IBAS, anestesiar a sua esfera de influência que lhe escapa, porque não controla, mas na prática sem o conseguir.



Ora o BRIC só vai aparecer enquanto realidade multilateral em 2009, juntando dois dos IBAS (Índia e Brasil) a dois outros emergentes: Rússia e China. Constata-se de imediato uma falta de coerência e consistência entre eles, havendo até recentemente a ausência de sólidos comportamentos de grupo. Enquanto colectivo, teriam uma relativa melhoria de *performance* intragrupo, elevando a sua capacidade de afirmação internacional, mas sempre com a expectativa prenunciada de poder vir a converter-se, se actuasse como “coligação revisionista” numa ameaça para poderes instalados, e nessa situação condicionar hipoteticamente o papel de *global player* dos EUA.

A primeira cimeira formal do BRIC ocorreu a 16 de Junho de 2009 em Yekaterinburg, na Rússia, com os respectivos líderes: Luiz Inácio Lula da Silva, Dmitri Medvedev, Manmohan Singh e Hu Jintao.

A agenda concentrava-se na melhoria da situação económica global e nas reformas das instituições financeiras internacionais, atendendo aos anos de crise que afectavam estes países.

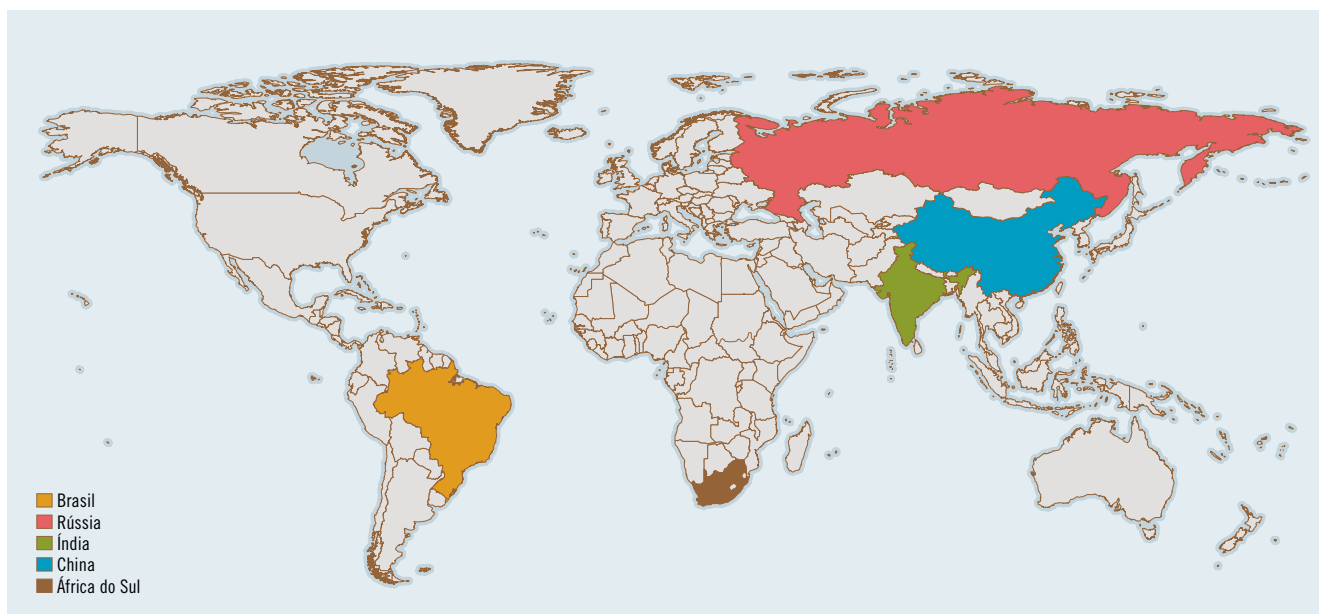
Realizaram-se mais cinco cimeiras (já como BRICS) num processo de rotação pelos países membros, nos anos seguintes: em 2010 no Brasil, (em Brasília), 2011 na China, (em Sanya), 2012 na Índia, (em Nova Deli), 2013 na África do Sul (em Durban), e regressando em 2014 ao Brasil (em Fortaleza e Brasília).

Na prática deve considerar-se o nascimento do BRIC enquanto realidade negocial a partir de 2009, não sendo por acaso este surgimento quando se desenrola a crise financeira internacional. Quando as instituições nascidas de *Bretton Woods* (1-22 de Julho de 1944) não conseguem dar resposta às necessidades financeiras decorrentes da crise, começam a trabalhar em conjunto na procura de uma nova proposta concertada de nações. A China assume um claro protagonismo focada na sua ascensão internacional, mas tem que resolver primeiro um problema interno. Assim, atenua as dificuldades mais urgentes através do lançamento de um programa de injeção de liquidez pela via do megaestímulo de USD 586 mil milhões (quatro biliões de yuans), anunciado pelo Conselho de Estado em 9 de Novembro de 2008, estímulo esse mais focado no investimento em infraestruturas, (2,87 biliões de yuans), mas também nas áreas sociais e ambientais.

Constatamos serem todos membros do G20, com a vantagem de serem situados em vários continentes, estabelecendo programas de cooperação⁶ inter pares em áreas como a ciência, a tecnologia e a educação; todavia, numa perspectiva global, verifica-se que foram contribuindo para o desenvolvimento global de uma forma muito diferenciada, embora com a intenção de se assumirem como uma voz activa sonante nos desígnios da cena política mundial.

Só em 2011 se pode falar de BRICS (*South Africa*) quando é integrada a República da África do Sul⁷, na 3ª. Cimeira, muito embora o presidente Jacob Zuma tivesse já sido convidado logo na segunda cimeira.

A entrada da mais importante nação africana tem duas justificações objectivas: o interesse dos outros membros em terem entre si uma das mais fortes economias africanas, logo uma porta de entrada naquele continente – projecção regional e oportunidades de negócio muito relevantes – e, por outro lado, a estratégia da própria China⁸. Quanto a este último aspecto, a China tenta deste modo anular o efeito IBAS, anestesiar a sua esfera de influência que lhe escapa, porque não controla, mas na prática sem o conseguir, dado terem as três democracias decidido manter autono-



BRICS no mundo.

Fonte: Brazil, Russia leaders back creation of BRICS bank. *New Zimbabwe* (14 jul 2014), (disponível em <http://www.newzimbabwe.com/business-16754-Brazil,+Russia+back+BRICS+bank+creation/business.aspx>).

mente o seu grupo. Na verdade, a China tentou mesmo fundir as duas, diluindo esta trilateral no Grupo, mas sem sucesso, especialmente dada a firme resistência da Índia.

O momento da afirmação: iniciativas do BRICS

É na VI Cimeira do BRICS, reunida em 2014 em Fortaleza, no Brasil, que surgem as primeiras iniciativas estruturantes, significativas para os seus membros constituintes, mas também para o mundo financeiro.

Nesta Cimeira é assinada a criação do Novo Banco de Desenvolvimento, (NBD), também apelidado de “Banco do BRICS” (*BRICS Bank*), assim como se concretiza também a assinatura da constituição de um chamado Fundo Comum de Reservas Cambiais, (*Contingent Reserve Arrangement, CRA*) e, na terminologia original da nova “Declaração de Brasília”, o *Arranjo Contingente de Reservas*, na ordem dos 100 mil milhões de dólares, visando numa primeira linha a protecção de eventuais crises financeiras. Este é um NBD orientado, segundo a mesma Declaração, para a “mobilização de recursos para projectos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável no BRICS e em outras economias emergentes e em desenvolvimento”. Outra decisão relevante foi a manutenção do acordo a que haviam chegado em Bali, em Dezembro de 2013, na reunião da Organização Mundial do Comércio, OMC, no sentido da melhoria e simplificação de procedimentos no comércio externo. Note-se que o secretário-geral da OMC é Roberto Azevedo, cidadão brasileiro, primeiro latino-americano na sua liderança, para o que o país manteve um forte *lobbying*, mas que foi também um momento de *acerto comum* do BRICS, sendo todos membros da OMC.

Estas decisões levantam o véu relativamente à estratégia que vão seguir doravante: da exigência de reformas, da crítica pública continuada às instituições multilaterais nascidas no pós-guerra e por

não terem uma resposta passam à acção: encetam a criação de raiz das “suas” próprias instituições multilaterais. O Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), são replicados nos NBD e CRA, mas para uma implementação de vocação intergrupo, virada prioritariamente para a colmatação de lacunas dos seus membros.

De molde a acompanhar o movimento e a garantir uma janela de diálogo possível, o Fundo Monetário Internacional reage a 16 de Junho de 2014 por intermédio da presidente Christine Lagarde, enviando os parabéns pela realização da Cimeira da Cúpula do BRICS e pela criação do Fundo de Reservas, colocando-se à disposição para uma eventual interacção institucional. Sinal de acompanhamento cauteloso e de alerta!

Estamos assim no momento que que o BRICS vai dar o passo decisivo na sua afirmação no plano global e tentar criar instituições e mecanismos que potencialmente atenuam o recurso às instituições de *Bretton Woods* e criem condições objectivas para que as mesmas sejam minorizadas ou mesmo substituídas numa fase posterior.

Na prática, vemos que procuram modelos alternativos aos institucionalizados, que sejam mais a contento com as suas ambições de maior autonomia política, económica e financeira (também dos países “ocidentais” que detêm um forte ascendente sobre as mesmas) e que resolvam positivamente com maior justiça e equidade as suas necessidades financeiras. ■

Notas

¹ Mais tarde junta-se na realidade um quinto membro, acrescentando a África do Sul (South Africa) o S.

² JIM O'NEIL, *The Growth Map*, Penguin, 2011.

³ Em 1982, quando participei num grupo de trabalho que estudou pela primeira vez em profundidade a economia de Macau, (a primeira aproximação do PIB e da taxa de inflação usando Hong Kong como referência), o modelo em análise de sucesso era o dos NICs, (*Newly Industrialized Countries*) a que foram elevados os chamados “Four (Asian) Tigers”, precisamente a Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Taiwan.

⁴ BRIC in danger of becoming ‘IC’, says acronym coiner O’Neill (8 jan 2015), (disponível em <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-01-08/bric-in-danger-of-becoming-ic-says-acronym-coiner-jim-o-neill>).

⁵ Terminologia original inglesa: IBSA Trilateral – IBSA Dialogue Forum – criado em 6 de Junho de 2003 pela “Declaração de Brasília”.

⁶ Um exemplo mais recente é a (2.ª) reunião dos seus ministros em 18 de Março de 2015, em Brasília: “II Reunião de Ministros de Ciência, Tecnologia e Inovação do BRICS”.

⁷ A data real da entrada é 24 de Dezembro de 2010 mas a África do Sul, representada por Jacob Zuma, só se afirma com membro na Cimeira de Sanya, na China, em Abril de 2011.

⁸ A China queria que, ao promover a entrada da África do Sul no BRIC, deixasse de existir o IBAS: “(...) Indeed, as Singh has said publicly: ‘IBSA has a personality of its own. It is three separate continents, three democracies. BRIC is a conception devised by Goldman Sachs. We are trying to put life into it’”. Rajeev Sharma – BRIC vs IBSA = China vs India? *The Diplomat*, (2 mar 2011), (disponível em <http://thediplomat.com/2011/03/bric-vs-ibsa-china-vs-india/>).